

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
U LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
FLUL  
LETRAS  
LISBOA

  
FCSH  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# NOVOS DADOS SOBRE A OCUPAÇÃO DE ÉPOCA ROMANA REPUBLICANA DA NECRÓPOLE DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES (ALCÁCER DO SAL): O ESPÓLIO METÁLICO

Francisco B. Gomes<sup>1</sup>

## RESUMO

Apesar de conhecida sobretudo pela sua intensa utilização durante a Idade do Ferro, a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) apresenta uma sequência de ocupação algo mais ampla, que engloba também a Época Romana, e em particular os momentos iniciais desta, como se tem vindo a evidenciar em estudos recentes. A presente contribuição visa acrescentar ao panorama já conhecido um conjunto de materiais metálicos inéditos de cronologia segura ou provavelmente republicana, que reforçam a imagem de um uso funerário continuado da necrópole durante esse período.

**Palavras-chave:** Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), Período Romano Republicano, Fíbulas, *Simpulum*, Javalinas.

## ABSTRACT

Despite being known mostly due to its intense use during the Iron Age, the necropolis of Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) presents a somewhat longer sequence of use, which also comprises the Roman period, and particularly its earliest moments, as has been put in evidence by recent studies. This contribution aims to enlarge the available evidence by adding to it an ensemble of metallic pieces of certain or probable republican chronology, which give further strength to the idea that the necropolis continued to be used as a funerary area during this period.

**Keywords:** Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), Roman Republican Period, *Fibulae*, *Simpulum*, Javelins.

## 1. A NECRÓPOLE DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES: BREVE ENQUADRAMENTO GERAL

A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (OSM) (Figura 1) ocupa uma plataforma sobrelevada com respeito aos depósitos aluvionares do Sado situada sensivelmente um quilómetro a Ocidente da elevação onde eventualmente se ergueu o Castelo de Alcácer do Sal, na qual se situaria o núcleo principal do povoado correspondente (Silva *et al.* 1980-1; Paixão 2001).

Este conjunto funerário foi identificado pela primeira vez ainda durante o século XIX, quando a realização de trabalhos agrícolas nas imediações da ermida medieval do Senhor dos Mártires resultou na descoberta de um importante conjunto de materiais prontamente dado a conhecer por J. Possidónio Narciso da Silva (1875).

Apesar do imediato reconhecimento da importância do sítio, os primeiros trabalhos arqueológicos só se realizariam meio século mais tarde, sob a direcção de V. Correia, que ali empreendeu significativos trabalhos de escavação (Correia 1925; 1928), cuja pu-

1. UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia; franciscojbgomes@gmail.com

blicação exaustiva nunca chegou a realizar devido ao seu prematuro falecimento.

Os trabalhos de campo só viriam a ser retomados já nos finais da década de 1960, desta feita sob a responsabilidade de A. Cavaleiro Paixão (1970), que viria ainda a realizar novas intervenções na necrópole entre os finais da década de 1970 e os inícios da década seguinte, não tendo estas últimas contudo sido objecto de publicação detalhada (Paixão 1983).

A incompleta publicação do registo gerado por estas várias intervenções originou um quadro de referência que, apesar dos melhores esforços de sistematização realizados já em finais do século XX (Fabião 1998: 350-369; Arruda 1999-2000: 72-86), apresenta significativas lacunas, que só recentemente começaram a suprir-se com o estudo integral dos espólios exumados nesta necrópole, que contudo nem sempre permite obviar a falta da documentação de campo que, caso se conserve, se encontra hoje em paradeiro desconhecido.

Uma dessas lacunas diz respeito às fases finais da ocupação deste conjunto funerário, escassamente definidas, registando-se nomeadamente um quase total desconhecimento dos horizontes correspondentes aos inícios da presença romana, que contudo se intuía a partir da publicação de alguns materiais dispersos (cf. *infra*), situação que o presente trabalho pretende suprir, dando continuidade a um estudo já publicado (Gomes/ Alves 2017).

## 2. A OCUPAÇÃO DE ÉPOCA ROMANA REPUBLICANA DO OSM

Ao largo da longa história da investigação sobre a necrópole do OSM o conjunto funerário alcacerense foi sempre predominantemente analisado à luz dos importantes dados correspondentes à sua utilização durante a Idade do Ferro. Com efeito, as evidências de Época Romana ali exumadas e pontualmente assinaladas desde muito cedo (Baptista 1895; Correia 1925: 155) foram longamente remetidas para segundo plano, sem dúvida devido à sua escassa entidade. Não obstante, a descoberta da vizinha necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires (Paixão 1970: 92) e a sua subsequente escavação (Paixão 1979; 1981) permitiram de alguma forma enquadrar as evidências de cronologia alto-imperial, que passaram desde então a poder relacionar-se com depósitos pertencentes à periferia daquele outro conjunto funerário. Pelo contrário, as já mencionadas evidências disper-

sas de uma ocupação da envolvente da área da Ermida do Senhor dos Mártires durante o período republicano, apesar de recolhidas nalguns estudos de âmbito mais abrangente (Almeida 1953: Est. XXX, n.1; Delgado 1971) e devidamente assinaladas por alguns autores com referência específica à sequência da necrópole (Fabião 1998: 354; cf. tb. Fabião 1999: 170), permaneceram até recentemente difíceis de avaliar, devido fundamentalmente à ausência de estudos exaustivos que permitissem aferir da dimensão do conjunto republicano e do seu significado funcional e cronológico no contexto da sequência de utilização da necrópole.

A tal facto não será estranha a total ausência, em todas as descrições dos trabalhos realizados na necrópole (e bem assim na vizinha Azinhaga do Senhor dos Mártires), de qualquer menção à existência de contextos preservados do período em análise, facto que muito possivelmente não se deve apenas à omissão dos responsáveis desses trabalhos, podendo com efeito resultar de factores pós-deposicionais.

Existem, por certo, algumas indicações indirectas de que os materiais republicanos poderão ter-se recolhido em contextos secundários e revolidos – veja-se, por exemplo, a descrição do contexto de achado de uma terracota helenística enquadrável no período em causa, cujo fragmento preservado se teria recolhido «. . . joeirado avulso entre a terra remexida da necrópole. . .» (Correia 1925: 166).

Caberia assim pensar que, seguindo uma tendência ao que tudo indica iniciada já durante a II Idade do Ferro, os contextos deste período poderão ter sido relativamente superficiais e pouco estruturados, facto que os tornaria particularmente vulneráveis à intensa exploração agrícola desta zona, actividade que, como ficou dito, levou à própria descoberta da necrópole.

Apesar destas limitações, o estudo integral dos materiais exumados no OSM, recentemente finalizado (Gomes 2016), permitiu identificar um número relativamente substancial de materiais de cronologia romana republicana, incluindo um expressivo conjunto cerâmico (Figura 2), já estudado (Gomes/ Alves 2017), e o mais reduzido mas ainda assim significativo conjunto metálico que se apresenta nesta contribuição (Figura 3).

A revisão dos dados resultantes da análise do conjunto cerâmico romano-republicano do OSM não cabe no escopo do presente contributo. No entanto, e como forma de melhor contextualizar as peças adiante estudadas, caberia recordar que esse

conjunto inclui cerâmicas de verniz negro de tipo itálico – tanto produções de Ischia/Nápoles (*vulgo* Campaniense A) como de Cales/Teano, bem como ainda algumas imitações com pastas cinzentas –, unguentários – enquadráveis no Grupo B de E. Cuadrado (1977-8) e M. Py (1993) e no Grupo D deste último investigador (*ibidem*) –, ânforas – especificamente um exemplar de tipo Mañá Cza de produção norte-africana e uma provável ânfora Greco-Itálica de produção tirrénica –, bem como um fragmento de uma terracota de estilo helenístico (Gomes 2014) e uma lucerna de tipo Ricci H (Almeida 1953: Est. XXX, n. 1).

A apreciação global destes materiais permitiu, por um lado, delimitar a cronologia da fase republicana da necrópole, que parece desenvolver-se entre os meados do século II e os finais do I a.n.e., evidenciando, por outro lado, que a área do OSM terá sido utilizada, ou pelo menos frequentada, de forma contínua, ao longo de todo o período romano republicano. A natureza dos materiais estudados permitiu também defender que essa utilização se terá revestido de uma natureza provavelmente funerária, em consonância com a funcionalidade desta área quer no período precedente quer já durante o Alto Império (Gomes/Alves 2017: 304-5).

Como veremos nas páginas seguintes, o espólio metálico, apesar de menos numeroso, permite reforçar a imagem obtida mediante o estudo da cerâmica, consolidando além disso a imagem de uma utilização continuada desta área funerária, bem como algumas das conclusões de índole cultural tecidas no contexto desse outro estudo.

### 3. O ESPÓLIO METÁLICO ROMANO REPUBLICANO DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES

#### 3.1. Elementos de indumentária: as fíbulas

Os elementos de indumentária encontram-se representados no conjunto em apreço por dois exemplares, sem que possa excluir-se que algumas outras peças de tipo dito “La Tène” recentemente estudadas (Gomes 2016: 243) possam também ter sido utilizadas ainda em Época Romana Republicana.

O primeiro exemplar já claramente enquadrável neste período (Figura 3, n.1) corresponde contudo a uma peça de tipo Schüle 4h (Schüle 1969: 271-280) ou Ponte 32 (Ponte 2006: 218-244). Esta peça conserva a ponte, peraltada e de secção poligonal, com moldu-

ras caneladas em ambas as extremidades, o descanso, de tendência triangular, e o característico apêndice caudal moldurado. O seu comprimento máximo é de 5,4cm para uma largura máxima de 4cm e uma espessura máxima da ordem dos 0,8cm.

O referido apêndice caudal, que constitui o elemento definidor deste grupo tipológico, apresenta uma configuração particular que não se engloba em nenhuma das variantes definidas recentemente por J. Miguez (2014: Figura 3), apresentando uma série de molduras pouco espessas rematadas superiormente por um elemento de tendência esférica achatada. A haste do apêndice prolonga-se para lá desse elemento, encontrando-se encimada por um pequeno disco.

As fíbulas do tipo em apreço são, como é sabido, francamente abundantes no território actualmente português, não parecendo relevante neste contexto referenciar todas as ocorrências conhecidas, e ainda recentemente inventariadas (Ponte 2006: 218-244; Miguez 2014). Haveria contudo a notar uma particular concentração deste tipo no Sudoeste Peninsular, também ela recentemente sublinhada por uma nova análise deste grupo tipológico (Miguez 2014).

O correcto enquadramento crono-cultural das fíbulas deste grupo tem sido objecto de diversas propostas divergentes, desde os que defendem a sua elevada antiguidade (Schüle 1969: 271-280; Ponte 2006: 218-244), aos que as colocam já numa fase avançada da Idade do Ferro (Berrocal Rangel 1992: 137).

Contudo, e mais recentemente, uma revisão global deste grupo permitiu, a meu ver de forma bastante definitiva, enquadrar as fíbulas deste tipo numa etapa já plenamente republicana, podendo o apogeu da difusão destas peças enquadrar-se entre os meados do século II e os finais do I a.n.e. (Miguez 2014), o que justifica a sua inclusão no presente estudo.

Quanto à segunda peça (Figura 3, n.2), que se inclui neste trabalho sob reserva dada a sua cronologia relativamente ampla (cf. *infra*), corresponde a um exemplar do chamado Tipo “Alésia”, enquadrável no Tipo 21, variante a1 de M. Feugère (1985: 299-311) ou no Tipo 41.1b/1 de S. da Ponte (2006: 343-353).

Do exemplar do OSM conservam-se a ponte, lisa e com a típica feição triangular das peças deste grupo, e parte do descanso, de tendência trapezoidal. A extremidade proximal da ponte, decorada com três ranhuras simples, apresenta uma configuração tubular, evidenciando que esta peça possuiria uma mola de charneira, como é de resto característico deste

grupo. Esta mesma extremidade apresenta uma ranhura intermédia, necessária em função da mecânica das fíbula deste grupo, dotadas de fuzilhão livre (*idem*: 344). O comprimento máximo desta fíbula é de 6cm, para uma largura máxima de 2cm e uma espessura máxima de 2,4cm.

As fíbula de tipo “Alésia” são relativamente frequentes no actual território português (*idem*: 466-470), podendo assinalar-se a sua presença no povoado do Pedrão, Palmela (*idem*: n. 212), nas Mesas do Castelhinho, Almodôvar (Miguez 2011: 46), em *Mirobriga*, Santiago do Cacém (Ponte 2006: nn. 214, 219, 221 e 223), na área do Castelo de Sines (*idem*: n. 220) ou ainda na Cabeça de Vaiamonte, Monforte, (*idem*: nn.208, 211, 218 e 225-6), para citar apenas os exemplos documentados no Sul do actual território nacional. O tipo específico documentado no OSM é, contudo, raro, registando-se uma única ocorrência da variante Ponte 41.1b/1 em Portugal, neste caso em *Conimbriga* (*idem*: n. 217).

Quanto à sua cronologia, e como ficou dito, a inclusão da peça em estudo no período romano-republicano não pode considerar-se de todo segura. Com efeito, as fíbula de Tipo “Alésia” apresentam uma ampla diacronia de uso que dificulta o correcto enquadramento crono-cultural de uma peça sem contexto como a que aqui me ocupa.

Não obstante, optei por inclui-la na presente análise na medida em que as origens tardo-republicanas das fíbula deste grupo se podem considerar cabalmente demonstradas, remontando o tipo em apreço aos meados do século I a.n.e. (Feugère 1985: 306; Ponte 2006: 347-9). A sua perduração ao longo de toda a centúria seguinte parece contudo igualmente bem documentada (*ibidem*; cf. tb. Miguez 2011: 46 e 91-2), pelo que é perfeitamente plausível que o exemplar do OSM se possa relacionar já com o horizonte alto-imperial desta necrópole.

### 3.2. Elementos de baixela: um *simpulum* de tipo “Pescate”

Outro elemento significativo que pode atribuir-se com segurança ao período em apreço corresponde a um fragmento do cabo de um *simpulum* itálico de bronze de pega horizontal (Figura 3, n.3), enquadrável no chamado Tipo “Pescate”, recolhido por M. Castoldi e M. Feugère no seu Tipo 1 (1991).

Apesar de incompleto, o exemplar do OSM, com um comprimento máximo restituível de 19cm, uma largura máxima de 2cm e uma espessura máxima de

0,3cm, conserva com efeito algumas das características típicas das peças deste grupo, nomeadamente uma extremidade distal em gancho rematado por um prótomo zoomorfo, que no caso vertente caberia interpretar como correspondendo a um canídeo. Este elemento encontra-se unido por uma haste de secção quadrangular a um tramo em forma de remo cujas margens laterais se encontram salientadas por duas ranhuras que lhe conferem um aspecto moldurado, decoração igualmente característica dos *simpula* deste grupo. Infelizmente, o exemplar alacerense não conserva a porção cilíndrica que uniria este tramo ao elemento de fixação que permitia por sua vez a união entre este cabo e o receptáculo correspondente, ou alternativamente a um segundo tramo de idêntica configuração que se uniria por sua vez ao mencionado receptáculo.

Por esta razão não é possível precisar se a peça em apreço corresponderia a um exemplar binário do Tipo 1.A de M. Castoldi e M. Feugère (1991) ou se se trataria de uma peça mais complexa, ternária, englobável no Tipo 1.B definido pelos mesmos investigadores (*idem*). Apesar desta limitação, caberia assinalar que ambos os tipos citados se encontram bem representados nos conjuntos de época tardo-republicana peninsulares. Com efeito, o Tipo 1.A (Figura 4) encontra-se actualmente representado na Península Ibérica por um total de 25 exemplares (Mansel 2004; Erice Lacabe 2007; Azcárraga Cámara *et al.* 2014; Méndez Madrid, 2015), havendo a notar uma presença significativa de exemplares deste tipo no actual território português (Fabião 1999; cf. tb. Pereira no prelo). Os *simpula* do Tipo 1.A estão com efeito presentes nas Mesas do Castelhinho, Almodôvar (três exemplares), no Castelo Velho de Cobres, Castro Verde (um exemplar), no Castelo da Lousa, Mourão (um exemplar), no Castelo Velho de Veiros, Estremoz (um exemplar) e na Cabeça de Vaiamonte, Monforte (sete exemplares) (cf. Fabião 1999, com bibliografia; Pereira no prelo).

O Tipo 1.B, embora menos bem representado nos conjuntos peninsulares (Figura 4), soma ainda assim um total de 15 exemplares (Mansel 2004; Erice Lacabe 2007; Aurrecochea Fernández, 2009; Azcárraga Cámara *et al.* 2014), estando uma vez mais bem documentado no actual território nacional. Com efeito, conhecem-se peças deste tipo provenientes das Mesas do Castelhinho, Almodôvar (um exemplar), da Cabeça de Vaiamonte, Monforte (três exemplares), do Bombarral (um exemplar) e da Lomba do

Canho, Arganil (um exemplar) (cf. Fabião 1999, com bibliografia; Pereira no prelo) (Figura 4).

Como se pode apreciar pela enumeração precedente, os *simpula* do tipo em apreço surgem, no Ocidente Peninsular, essencialmente em contextos de povoado (Fabião 1999: 170), embora não se possa descartar que tal facto se deva ao quase total desconhecimento das necrópoles correspondentes às etapas iniciais do domínio romano.

Note-se, por exemplo, que a ausência de elementos deste tipo na necrópole alcacerense, especificamente notada, com estranheza (e, acrescente-se, com notável intuição), por C. Fabião (*ibidem*), resultava afinal de uma incompleta publicação dos espólios ali exumados, lacuna agora suprida.

Finalmente, e no que diz respeito à sua cronologia, caberia assinalar que à luz dos dados disponíveis a cronologia de ambos os tipos citados se pode considerar *grosso modo* coincidente. Assim, os *simpula* deste tipo ter-se-ão desenvolvido durante o último quartel do século II a.n.e. e a sua utilização parece bem atestada ao longo, pelo menos, dos dois primeiros terços da centúria seguinte (cf. Castoldi & Feugère 1991; Fabião 1999; Mansel 2004; Azcárraga Cámara *et al.* 2014; Méndez Madrid, 2015).

### 3.3. Elementos de armamento: um conjunto de pontas de lança ou javalina

Finalmente, um último conjunto de elementos que pode atribuir-se, com razoável segurança, ao período em análise compõe-se de um grupo de folhas pertencentes a armas de arremesso, que pela sua tipologia se diferenciam do nutrido conjunto de lanças da Idade do Ferro do OSM e, de uma forma mais geral, das lanças pré-romanas peninsulares, cuja tipologia geral se encontra hoje em dia bastante bem caracterizada (Quesada 1997: 360-392).

As seis peças deste conjunto (Figura 3, nn.4 a 9) caracterizam-se pelas suas dimensões relativamente reduzidas, apresentando comprimentos máximos entre os 15,3 e os 15,3cm e larguras máximas entre os 2,1 e os 3,6cm. Morfologicamente apresentam alvos de secção circular proporcionalmente longos e folhas de configuração ovalada e secção lenticular ou ligeiramente losânguica, desprovidas da nervura central que caracteriza a esmagadora maioria das lanças pré-romanas. A sua morfologia permite pensar que, mais do que a lanças, poderão ter pertencido a projecteis de tipo javalina.

Caberia assinalar que a adscrição cronológica des-

tas peças à etapa romana republicana do OSM não se pode considerar absolutamente segura, já que, como é sabido, as lanças integram os inventários da necrópole praticamente desde os seus momentos iniciais (cf. Schüle 1969; Paixão 1983) e, na ausência de contextos primários para os exemplares em estudo, a sua particular morfologia poderia em última análise considerar-se um regionalismo.

Não obstante, julgo que apesar do incompleto conhecimento da morfologia das lanças e javalinas de Época Republicana no território peninsular, existem elementos de comparação significativos em contextos desse período que permitem sustentar a adscrição das peças analisadas aos momentos iniciais da presença romana no Ocidente Peninsular.

Assim, pode assinalar-se a presença de peças muito similares às do OSM nos acampamentos de Alésia (Ulbert 1984: 105), de Numância (Luik 2010: Figura 2) e de Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: Taf. 24, nn.181-3), bem como em Osuna, Sevilha, em contextos sem dúvida relacionados com algum dos vários episódios bélicos ocorridos em torno à antiga *Urso* durante o período republicano (Quesada 2008: 15 e Figura 5B). Uma outra peça do mesmo tipo foi exumada na necrópole do Cerro de las Balas, em Sevilha (Nuñez Pariente de León / Quesada Sández 2000), constituindo pelo seu contexto funerário um paralelo particularmente relevante para as peças do OSM.

Já no que diz respeito ao actual território português, caberia referenciar a presença de um conjunto significativo de peças deste tipo na Cabeça de Vaiamonte, em Monforte, recolhidas no tipo II.B de T. R Pereira (2014). Note-se que se trata, uma vez mais, de um sítio onde a presença de contingentes militares romanos parece mais que provável (Fabião, 1998; Pereira 2014). Outro exemplar, ao que tudo indica do mesmo tipo, foi exumado no povoado do Pedrão, em Palmela, cuja ocupação romano-republicana, porventura de natureza igualmente militar, é também bem conhecida (Silva/ Soares 1973: Est. VI).

Considerando estes paralelos, parece poder afirmar-se que os projecteis do tipo em apreço se encontram já presentes na panóplia armamentícia na transição para o último terço do século II a.n.e., como atesta a sua presença em Numância (Luik 2010), conhecendo uma difusão apesar de tudo significativa já durante a centúria seguinte, alcançando pelo menos a época cesariana.

#### 4. A MODO DE CONCLUSÃO: NOVOS OBJECTOS, VELHAS PRÁTICAS?

Os elementos agora apresentados permitem complementar o panorama já desenhado a partir do estudo do repertório cerâmico de Época Romana Republicana (Gomes/Alves 2017), reforçando, apesar do seu reduzido número, a imagem de uma ocupação ao que tudo indica contínua desta área funerária durante o período em apreço.

Funcionalmente, a presença destes elementos parece apoiar a ideia de que essa ocupação foi, também durante a República, de natureza funerária, já avançada a partir do estudo dos materiais cerâmicos (*idem*: 104-105). Com efeito, se a presença de um *simpulum* poderia explicar-se em função de outras práticas de natureza não necessariamente funerária, a existência de elementos de indumentária e armamento parece coadunar-se melhor com a existência de verdadeiros depósitos funerários do que com outras funções que poderiam propor-se para este espaço (*ibidem*).

Não obstante, caberia salientar que a presença do referido *simpulum* reforça a hipótese de um ritual funerário fortemente marcado por rituais de banquete e comensalidade, já intuídos a partir do estudo do repertório cerâmico, nomeadamente dos recipientes de verniz negro de tipo itálico, cujas formas se relacionam directamente com o consumo de alimentos e de bebida, e acessoriamente dos contentores anfóricos recolhidos no OSM.

Este não se trata, contudo, de um aspecto necessariamente inovador próprio do ambiente republicano, podendo com efeito rastrear-se no registo arqueológico pré-romano abundantes elementos que sugerem que as práticas de comensalismo e o consumo de alimentos e bebida constituiriam uma parte integral dos ritos funerários já desde a I Idade do Ferro (cf. Cardoso/Arruda 2016). Estas práticas parecem ter-se prolongado ao longo de toda a diacronia de uso sidérica da necrópole, como sugerem outros elementos (cf. Gomes 2016), entre os quais se poderia destacar o bem conhecido conjunto de cerâmica ática exumado no OSM (Rouillard *et al.* 1988-9; Gomes 2017).

De igual modo, o uso de fíbulas como parte da indumentária fúnebre não constitui também ele uma novidade, sendo prática corrente na necrópole, uma vez mais, desde a I Idade do Ferro, tendência que por sinal se terá acentuado já durante a segunda metade do I milénio a.n.e., notando-se uma forte predomi-

nância dos tipos anulares hispânicos no conjunto das fíbulas ali recolhidas (cf. Ponte 1985; Gomes 2016). Finalmente, a deposição de armas, e particularmente de armas de haste, escassamente documentada no registo funerário de Época Romana Republicana (cf. Nuñez Pariente de León/ Quesada Sanz 2000), constitui no caso do OSM umnexo mais de continuidade com as práticas e discursos funerários do período precedente, onde o armamento, e em particular as lanças, ocuparam desde os momentos iniciais da necrópole um lugar francamente destacado (cf. Schüle 1969; Paixão 1983; Gomes 2016), como ficou dito acima.

Assim, estes elementos parecem secundar a interpretação das práticas funerárias republicanas do OSM proposta a partir do estudo do material cerâmico, o qual permitiu entrever a existência de uma “*Romanização Material*” (Fuentes Domínguez 1992), em que novos elementos de origem e/ou inspiração forânea, neste caso predominantemente itálica, se incorporam localmente em práticas e discursos de carácter eminentemente local, integrando-se numa lógica de “evolução na continuidade” que só se romperá com o advento do Principado de Augusto e a profunda reestruturação que caracteriza a transição para o Alto Império, e que bem poderá ter ditado a inauguração de uma nova necrópole servindo a população de *Salacia*.

#### AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha gratidão à Dr.<sup>ª</sup> Teresa Rita Pereira pelo seu apoio na elaboração deste trabalho, nomeadamente através da sugestão e disponibilização de bibliografia de relativa à baixela metálica romana-republicana.

#### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, José António Ferreira de (1953) – Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2, 2, pp. 5-208.

ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.

AURRECOECHEA-FERNÁNDEZ, Joaquín (2009) – Vajilla metálica de época romana en la región central de Hispania (actuales CC.AA. de Madrid y Castilla-La Mancha). *Sautuola*. Santander. XV, pp. 327-348.

- AZCÁRRAGA CÁMARA, Sandra, BAQUEDANO PÉREZ, Enrique, MÁRTENS ALFARO, Gabriela, CONTRERAS MARTÍNEZ, Miguel & RUIZ ZAPATERO, Gonzalo (2014) – Vajilla bronceada tardorrepública en El Llano de la Horca (Santorcaz, Madrid). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 87, pp. 109-121.
- BAPTISTA, Joaquim Correia (1896) – Salacia. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1, 4-5, pp. 143-4.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (1992) – *Los pueblos célticos del suroeste peninsular*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- CARDOSO, João Luís & ARRUDA, Ana Margarida (2016) – Faunas domésticas e rituais funerários em Alcácer do Sal. In: VILAÇA, Raquel & SERRA, Miguel (eds.) – *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. pp. 193-218.
- CASTOLDI, Marina & FEUGÈRE, Michel (1991) – Les simpulums. In: FEUGÈRE, Michel & ROLLEY, Claude (eds.), *La Vaisselle Tardo-Républicaine en Bronze*. Dijon: Université de Bourgogne. pp. 61-88.
- CORREIA, Vergílio (1925a) – Uma conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal. In: *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. pp. 151-168.
- CORREIA, Vergílio (1928) – Escavações realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927. In: *Obras. Volume IV, Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. pp. 169-179.
- CUADRADO, Emeterio (1977-8) – Unguentarios cerámicos en el mundo ibérico. Aportación cronológica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 50-1, pp. 389-400.
- DELGADO, Manuela (1971) – Cerâmica campaniense em Portugal. In: *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra: Universidade de Coimbra. pp. 403-424.
- ERICE LACABE, Romana (2007) – La vajilla de bronce en Hispania. *Sautuola*. Santander. XIII, pp. 197-216.
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do actual território português*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Volumes. Edição policopiada.
- FABIÃO, Carlos (1999) – A propósito do depósito de Moldes, Castelo do Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-república em bronze no extremo ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, pp. 163-198.
- FEUGÈRE, Michel (1985) – *Les fibules en Gaule méridionale, de la conquête à la fin du Ve s. ap. J.-C.*. Paris: CNRS.
- FUENTES DOMÍNGUEZ, Ángel (1992) – Las necrópolis ibéricas y su transformación ante la romanización. In: BLÁNQUEZ PÉREZ, Juan & ANTONA DEL VAL, Victor (eds.), *II Congreso de Arqueología Ibérica: Las necrópolis*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. pp. 587-606.
- GOMES, Francisco B. (2014) – Uma terracota de estilo Helenístico da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal): breves notas. *Conimbriga*. Coimbra. 53, pp. 81-97.
- GOMES, Francisco B. (2015) – The Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal) in the context of the Iron Age funerary practices of the Southwestern Iberian Peninsula. In: ROCHA, Leonor, BUENO, Primitiva & BRANCO, Gertrudes (eds.), *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. Oxford: Archaeopress. pp. 327-341.
- GOMES, Francisco B. (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (sécs. VIII-V a.n.e.): os dados do registo funerário*. Tese de Doutoramento no Ramo de História, na especialidade em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- GOMES, Francisco B. (2017) – Un conjunto de cerâmicas áticas inéditas de la Necrópolis de Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal, Portugal). *Onoba*. Huelva. 5, pp. 3-18.
- GOMES, Francisco B. & ALVES, Catarina (2017) – The final phases of the Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal, Portugal): the Roman Republican material. *SPAL*. Sevilha. 26, pp. 87-111.
- LUIK, Martin (2010) – Los hallazgos de armas en los campamentos romanos alrededor de Numancia. *Gladius*. Madrid. 30, pp. 61-78.
- MANSEL, Karin (2004) – Vajilla de bronce en la Hispania republicana. In: OLMOS, Ricardo & ROUILLARD, Pierre (eds.), *La vajilla Ibérica en Época Helenística (siglos IV-III al cambio de era)*. Madrid: Casa de Velázquez. pp. 19-30.
- MÉNDEZ MADRID, Juan Carlos (2015) – El *simpulum* itálico de Fuente de la Mora (Leganés, Madrid). *ArqueoWeb*. Madrid. 16, pp. 90-101.
- MIGUEZ, João (2011) – *As fibulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: o caso das Mesas do Castelhinho*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.
- MIGUEZ, João (2014) – As fibulas do tipo Schüle 4h no Sudoeste da Península Ibérica. In: JIMÉNEZ ÁVILA, Javier, BUSTAMANTE, Macarena, GARCÍA CABEZAS, Miriam (eds.), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Vilafranca de los Barrios: Ayuntamiento de Vilafranca de los Barrios. pp. 1303-1326.
- NUÑEZ PARIENTE DE LEÓN, Esther & QUESADA SÁNZ, Fernando (2000) – Una sepultura con armas de Baja Época Ibérica (o de época romana republicana) en la necrópolis del “Cerro de las Balas” (Écija, Sevilla). *Gladius*. Madrid. 20, pp. 191-220.

- PAIXÃO, António Cavaleiro (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Tese de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1979) – Necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 2, pp. 76-79.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1981) – Intervenção de emergência na Necrópole romana da Azinhaga do Senhor dos Mártires – Alcácer do Sal – Distrito de Setúbal. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 4, pp. 165-169.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 1, pp. 273-286.
- PAIXÃO, António Cavaleiro (2001) – Alcácer do Sal proto-histórica no contexto mediterrânico. In: *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa. Lisboa: Universidade Aberta. pp. 149-172.
- PEREIRA, Teresa Rita (2014) – Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológica de Cabeça de Vaia-monte (Monforte/Portugal). *Cira-Arqueologia*. Vila Franca de Xira. III, pp. 322-342.
- PEREIRA, Teresa Rita (no prelo) – As representações de animais na baixela metálica tardo-republicana: o exemplo de Cabeça de Vaia-monte (Monforte, Portugal). In: *Actas do Encontro “O mundo animal na romanização da Península Ibérica”*. Lisboa: Laboratório de Arqueociências / CIBIO / InBio.
- PONTE, Salete da (1985a) – Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 3, pp. 137-154.
- PONTE, Salete da (2006) – *Corpus signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- PY, Michel (1993) – Unguentariums. In PY, Michel (dir.), *Dicocer. Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n. è.-VIIe s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Provence, Languedoc, Ampurdan)*. Lattes: Association pour la Recherche Archéologique en Languedoc Oriental. pp. 581-584.
- QUESADA SÁNZ, Fernando (1997) – *El armamento ibérico: estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la cultura ibérica: (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- QUESADA SÁNZ, Fernando (2008) – Armamento Romano e Ibérico en *Urso* (Osuna): testimonio de una época. *Cuadernos de los Amigos de los Museos de Osuna*. Osuna. 10, pp. 13-19.
- SCHÜLE, Wilhelm (1969) – *Die Meseta-kulturen der Iberischen Halbinsel: Mediterrane und Eurasische elemente in früheisen zeitlichen kulturen südwesteuropas*. Berlim: Walter de Gruyter & Co.
- SILVA, Carlos Tavares da & SOARES, Joaquina (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). In: *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 245-305.
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, BEIRÃO, Caetano de Mello, DIAS, Luísa Ferrer e COELHO-SOARES, António (1980-1) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, pp. 149-218.
- ULBERT, Günter (1984) – *Caceres el Viejo. Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Mainz: Philipp von Zabern.

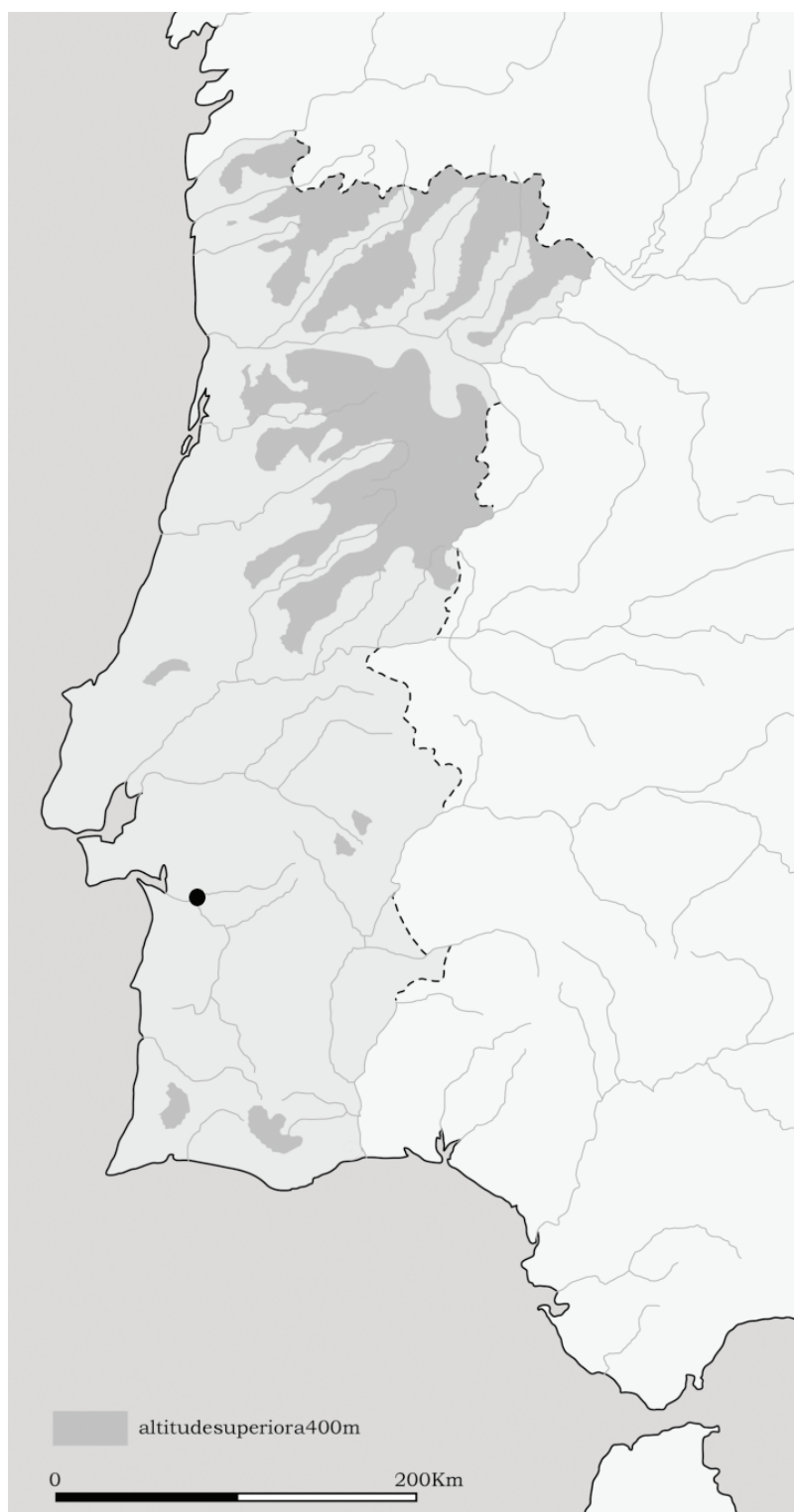


Figura 1 – Localização do Olival do Senhor dos Mártires no actual território português.

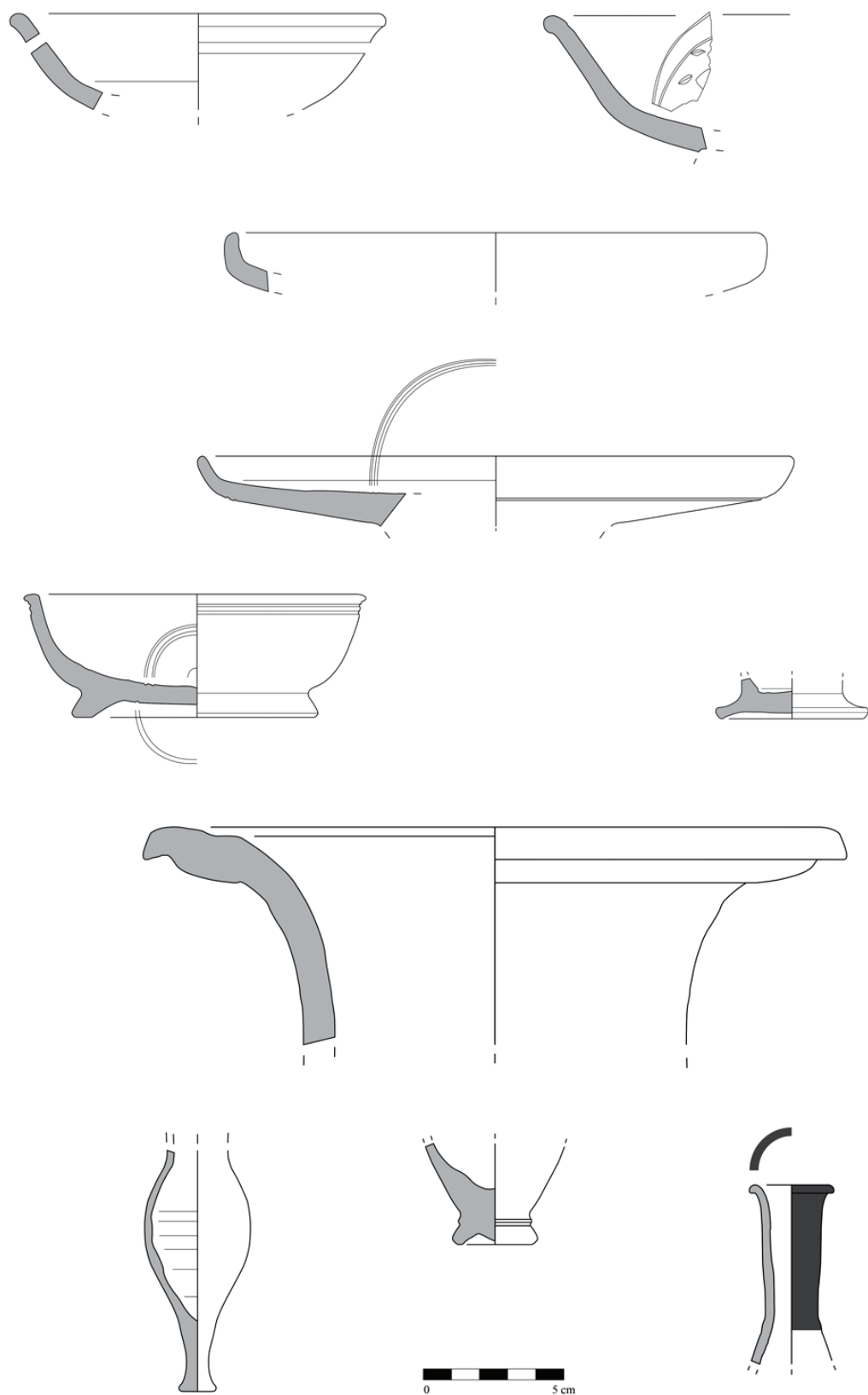


Figura 2 – Selecção de materiais cerâmicos romano-republicanos do Olival do Senhor dos Mártires (seg. Gomes/Alves 2017, adaptado).

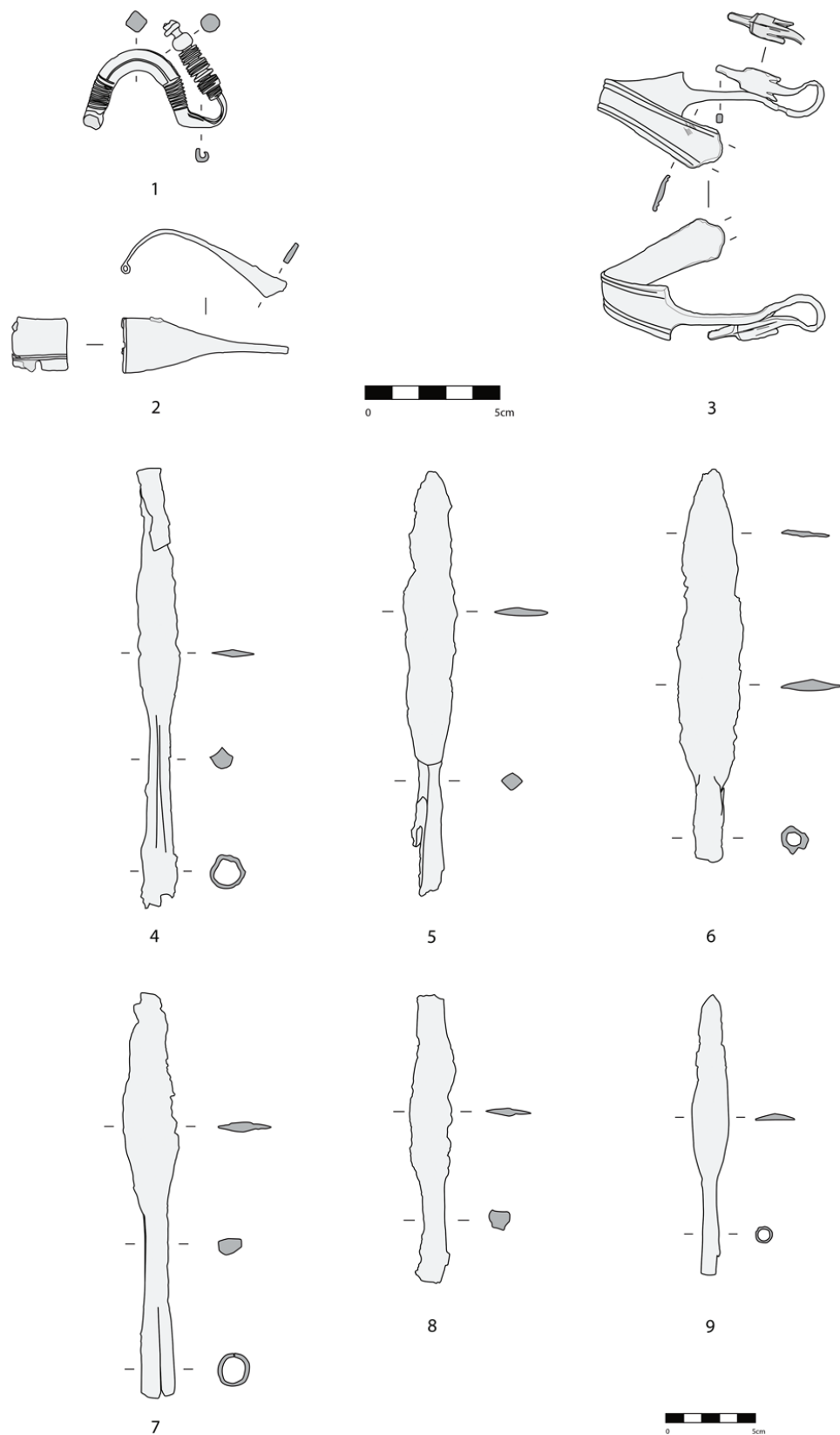


Figura 3 – Materiais metálicos romano-republicanos do Olival do Senhor dos Mártires (1. Fíbula de Tipo Schüle 4h; 2. Fíbula de Tipo ‘Alésia’; 3. Pega de *simpulum* de Tipo ‘Pescate’; 4 a 9. Pontas de javalina).

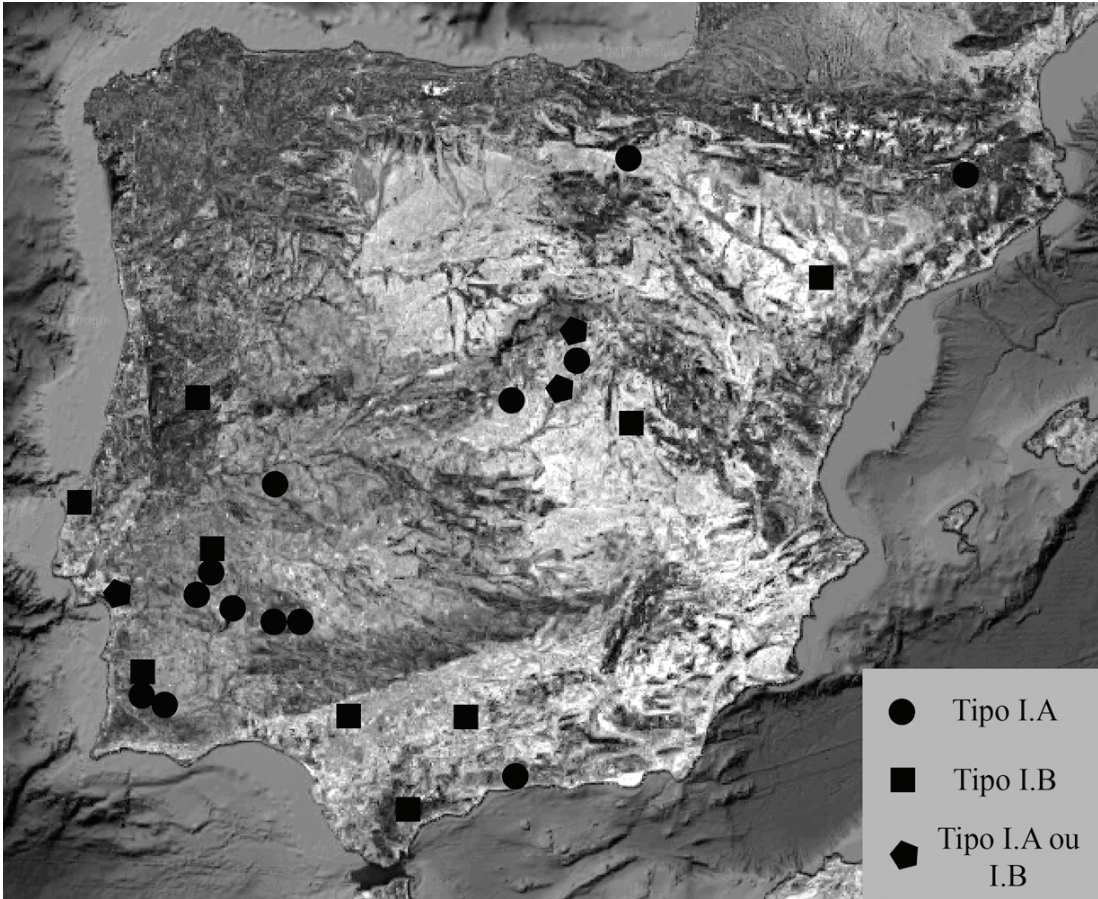


Figura 4 – Distribuição dos *simula* de Tipo I.A e I.B de M. Castoldi & M. Feugère (1991) na Península Ibérica.



